

Cultura e Extensão Universitária na EACH-USP: relato de (quase) 15 anos do EACH CULTURAL E NATURAL

André Fontan Köhler.¹

1. Introdução

O presente relato contempla meu principal projeto de cultura e extensão universitária, desenvolvido desde 2009, após três anos de trabalho na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), então na condição de professor mestre.

Como “*preâmbulo*” à descrição do EACH CULTURAL E NATURAL, cumpre atentar a dois pontos. Primeiro, assim que ingressei na EACH-USP, a unidade tinha cerca de 15 meses de abertura. Tudo era muito novo; grande parte dos docentes ingressantes tinha pouca experiência na docência, assim como eu – defendi minha dissertação de mestrado, em janeiro de 2006, poucos meses antes de meu ingresso na Universidade de São Paulo (USP).

Dentro desse quadro, o próprio termo “cultura e extensão universitária” não era, ainda, consolidado na EACH-USP. Havia, inclusive, a opinião de que ele contemplava, basicamente, o que não se encaixava em Ensino, Pesquisa e Administração/Gestão.

Nos anos iniciais da EACH-USP, o corpo docente reunia-se nos sábados, em seminários internos. Lá, ouvi duas coisas, proferidas por docentes experientes de outras unidades nas palestras, as quais chamaram minha atenção, a saber:

- a) EACH-USP devia ser uma unidade inovadora – Ciclo Básico, Resolução de Problemas, ausência de departamentos etc. –, a qual serviria de “*farol*” para o restante da universidade. Ou seja, a EACH-USP seria – a seguir essa visão – a vitrine de inovações pedagógicas e institucionais para toda a USP;
- b) dentre as principais searas de atuação, aquela na qual a EACH-USP estava mais talhada a se destacar era a cultura e extensão universitária. Ou, para tomar a anotação feita na palestra, a qual devo ter guardado, por anos a fio, a EACH-USP era considerada como “[...] uma unidade com claro perfil extensionista”.

Acabei por ficar interessado em desenvolver algo na seara da cultura e extensão universitária. Contudo, o primeiro projeto consistente e de fôlego de cultura e extensão universitária demoraria cerca de três anos para começar. Havia os compromissos com o

¹ Docente do Bacharelado em Lazer e Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Contato: afontan@usp.br.

Ensino (Curso de Bacharelado em Lazer e Turismo [obrigatório] e Curso de Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas [para além da carga horária mínima]). E os compromissos com pesquisa e publicação. E havia, além disso, a dúvida sobre o que fazer, como fazer e para quem fazer cultura e extensão universitária.

Isso mudou, apenas, com o primeiro edital do Programa Aprender com Cultura e Extensão, um “*antepassado*” do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (PUB USP). É com isso que se inicia a próxima seção.

2. EACH CULTURAL E NATURAL

Em 2009, foi lançado o primeiro edital – se foi o segundo, deixei o de 2008 passar batido – do Programa Aprender com Cultura e Extensão. Como atrativos, o reconhecimento formal dos projetos nele aprovados, por parte da USP, e uma ou mais bolsas de 12 meses para discentes de graduação.

À moda da Lei de Say, a oferta gerou sua demanda. Vi, sempre, a participação nos editais internos como algo atrativo, por auxiliar projetos específicos, e ajudar a instituição a cumprir seus objetivos. Além disso, havia a demanda por bolsas, por parte do corpo discente da EACH-USP. Faltava, apenas, ter um projeto.

Durante meu mestrado, estudei o patrimônio cultural e o turismo cultural, tendo, como objeto de estudo, o conjunto arquitetônico e paisagístico de Igarassu, Estado de Pernambuco. Contudo, a disciplina ACH1535 – Recursos Culturais e Patrimônio Histórico no Lazer e Turismo acabou por ficar com outro docente do Curso de Bacharelado em Lazer e Turismo; fui alocado nas disciplinas de economia do curso.

Com o edital supracitado, era possível trabalhar com cultura e patrimônio cultural, a suprimir uma lacuna detectada em vários discentes da EACH-USP, a saber: o desconhecimento dos principais conjuntos arquitetônicos e urbanísticos, museus e monumentos arquitetônicos da Região Metropolitana de São Paulo.

Mesmo no caso de vários discentes nascidos e criados no Município de São Paulo, o Museu Paulista, a Catedral da Sé e a Vila de Paranapiacaba tinham sido vistos, apenas, por meio do computador ou da televisão.

Além disso, o projeto tinha outro objetivo, a saber: permitir que discentes de diferentes cursos de bacharelado e de licenciatura da EACH-USP pudessem formar grupos e trocar experiências, por meio da participação na programação do EACH CULTURAL E NATURAL.

Com o desenrolar do projeto, o lado cultural/patrimonial foi acrescido do lado natural, com visitas a parques e unidades de conservação, além da realização de trilhas.

No momento, o projeto encontra-se em sua décima-quarta edição – houve, apenas, três anos sem sua oferta. Com mais de 250 programações realizadas e de 5.000 participações, o EACH CULTURAL E NATURAL tem levado docentes, funcionários técnico-

administrativos e (majoritariamente) discentes para programas de cunho cultural/patrimonial e/ou natural na Região Metropolitana de São Paulo, desde visitas guiadas no Parque do Ibirapuera até a trilha que leva ao Pico do Urubu, com partida da Estação Mogi das Cruzes da CPTM.

O EACH CULTURAL E NATURAL teve, também, uma edição de férias, em meados dos anos 2010, quando, com o auxílio da Diretoria EACH-USP, foi possível ter acesso ao ônibus da unidade, com quatro programações, a saber:

- (i) Município de Santos, com núcleo antigo e Engenho dos Erasmos. Foi feita uma visita guiada nesse equipamento cultural, com o acompanhamento de educadores da USP;
- (ii) Município de Itu, com núcleo antigo e principais museus. O ponto alto dessa visita foi o Museu Republicano de Itu, com o acompanhamento de educadores da USP;
- (iii) Mogi das Cruzes, com núcleo antigo e Casarão do Chá;
- (iv) Embu das Artes, com destaque ao Museu de Arte Sacra dos Jesuítas.

O projeto tem uma característica interessante, a saber: ele adapta-se aos interesses e aptidões do bolsista da edição, no que concerne ao foco dos programas. A própria extensão da programação para o lado natural deriva de uma antiga bolsista do Curso de Bacharelado em Educação Física e Saúde, cujo objetivo profissional era montar uma firma especializada em programas e trilhas ecológicas (sim, ele conseguiu fazer isso, após ter se formado).

O projeto apresenta alguns pontos positivos, a saber:

- a) manter uma oferta regular de programas culturais/patrimoniais e naturais, ao longo de quase 15 anos, sendo uma opção de programas para o corpo docente, corpo técnico-administrativo e corpo discente da EACH-USP;
- b) ter fomentado, em várias de suas edições, a aproximação e formação de redes entre discentes, os quais se conheceram, por meio da participação em uma programação;
- c) ter permitido a troca de conhecimento entre os discentes de vários cursos de bacharelado e de licenciatura da EACH-USP, notadamente nos programas do lado natural. Programas com discentes de Gestão de Políticas Públicas, Lazer e Turismo, Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências da Natureza fizeram-me ter olhares particulares sobre o que estava sendo feito e visitado, os quais não teria tido, por conta própria.

O EACH CULTURAL E NATURAL gerou, também, três efeitos colaterais interessantes. O primeiro foi possibilitar que mulheres pudessem realizar trilhas, pela primeira vez, em

virtude da segurança proporcionada pela presença de várias pessoas. Isso tem sido relatado, há várias edições. Inclusive, a bolsista que montou uma firma especializada em programas e trilhas ecológicas especializou-se na oferta de programas exclusivos para mulheres. O conceito de “segurança em números” aplica-se nesse caso.

O segundo foi, em algumas edições, haver uma programação destinada, notadamente, ao público LGBTQIAP+, o que resulta em sua alta participação, por mais que não tenha havido, ainda, nenhum relato similar ao verificado para o caso das mulheres.

Terceiro, o EACH Cultural e Natural foi a gênese do único Consórcio Acadêmico para a Excelência do Ensino de Graduação (CAEG) da EACH-USP, a saber: Construção e estruturação de disciplinas, visita técnica anual e material didático – roteiros urbanos e trilhas e caminhadas de longa distância (educação, lazer e turismo). Durante cinco anos, houve a oferta semestral de disciplinas, com a realização de 10 viagens didáticas, englobando os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, por meio de minha coordenação e da participação de cerca de 12 outros docentes de três unidades da USP. E sua origem foi nesse projeto de cultura e extensão universitária.

Grande parte da programação dessas viagens didáticas – tanto na visita a conjuntos arquitetônicos e urbanísticos quanto na realização de trilhas e caminhadas de longo curso – deriva, na lógica de sua concepção, na experiência adquirida no EACH CULTURAL E NATURAL.

O projeto conta com três pontos negativos. O primeiro deles é certo “cansaço” na programação. Por mais que a Região Metropolitana de São Paulo tenha uma oferta cultural e natural ímpar, a falta de recursos financeiros e de acesso a transporte subsidiado pela USP restringem, notadamente, a escolha de o que pode ser feito. Isso faz com que, em um período de quatro anos, haja de três a seis programas no Pico do Jaraguá, o que reduz o interesse na participação.

O segundo ponto negativo é o crescimento de barreiras ao usufruto de parques na Região Metropolitana de São Paulo, notadamente o Parque do Ibirapuera e o Parque Estadual da Cantareira. A concessão do Parque do Ibirapuera tornou bem menos atrativa sua visita e desfrute, inclusive pelo cerramento de várias áreas do parque, em preparo para receber eventos e outros acontecimentos privados.

No caso do Parque Estadual da Cantareira, sua concessão tornou proibitiva sua visita, inclusive devido aos baixos recursos financeiros de parte de nosso corpo discente. O encarecimento da entrada nos núcleos Pedra Grande, Águas Claras e Engordador é combinado com altos preços na lanchonete do primeiro núcleo, o que tem impedido a realização de muitos programas nesse parque estadual.

O terceiro ponto negativo tem sido a queda registrada no número de participantes, nas últimas edições do projeto. Não consegui, captar, ainda, suas causas, por mais que

os dois primeiros pontos negativos devam ter participação nisso. É algo que gera preocupação. Na edição corrente (2025-2026), o número médio de participantes por programação tem sido em torno de 10 pessoas.

O principal desdobramento do EACH CULTURAL E NATURAL foi o projeto EACH-USP Antena Cultural, o qual é visto, por mim, como um complemento a ele.

O EACH-USP Antena Cultural surgiu da seguinte pergunta: por que, além dos programas, eu não tento distribuir ingressos gratuitos para os docentes, funcionários técnico-administrativos e discentes da EACH-USP? Disso, têm sido distribuídos, mensalmente, mais de uma centena de ingressos para espetáculos e apresentações no Theatro Municipal, Sala São Paulo (OSESF), Teatro Anchieta (Sesc Consolação), Teatro Sérgio Cardoso e Theatro São Pedro. Todavia, o EACH-USP Antena Cultural deve ser assunto de outro artigo.

3. EACH CULTURAL E NATURAL – fotografias e lembranças

Nessa comunicação sobre o EACH CULTURAL E NATURAL, a falta de hábito de tirar fotografias dos programas realizados faz com que tenha de contar, apenas, com os registros de três bolsistas – Oksana Kuchar, Karina Boldrin e Jéssica Barbosa.

Todavia, apesar de haver poucas fotografias da programação do EACH CULTURAL E NATURAL, as selecionadas retratam alguns pontos importantes do projeto.

Fotografia 1



Fotógrafo(a): participante do programa. 2014. A fotografia mais antiga do EACH CULTURAL NATURAL é do primeiro semestre de 2014, tirada no mirante do Núcleo Pedra Grande do Parque Estadual da Cantareira. Por mais que não registre a maior parte dos participantes, traz um quadro interessante, a saber: i) docente responsável (LZT); ii) bolsista Oksana Kuchar (MKT); iii) participante externa à EACH-USP; e iv) egresso Heber Silveira Rocha (GPP), formado em 2008. Cerca de 10 anos depois de tirada essa foto, Heber Silveira Rocha tornou-se docente da EACH-USP.

Fotografia 2



Fotógrafo(a): participante do programa. 2014. O Núcleo Pedra Grande tem feito parte da programação do EACH CULTURAL NATURAL, desde 2009. Além da excelente e desafiadora trilha de subida à Pedra Grande, a formação rochosa provê excelente vista do Município de São Paulo e, em conjunto com o mirante, do Município de Mairiporã. Dito como “*instagramável*” pelos participantes, é, sempre, objeto de inúmeras fotografias. Bolsista: Karina Boldrin.

Fotografia 3



Fotógrafo(a): participante do programa. 2015. A fotografia retrata o programa com mais alto número de participantes da história do EACH CULTURAL NATURAL – visita à Vila de Paranapiacaba, no segundo semestre de 2015. A realização de cerca de 15 visitas à Vila de Paranapiacaba, desde 2009, traz uma importante reflexão sobre os desafios e as barreiras ao turismo cultural no Brasil. Bolsista: Karina Boldrin.

Fotografia 4



Fotógrafo(a): participante do programa. 2019. A fotografia retrata um tipo de programa crescentemente comum, a partir do final dos anos 2020, a saber: trilhas e caminhadas mais árduas, em municípios como, por exemplo, Mogi das Cruzes, Guarulhos e Franco da Rocha. Isso se deveu, em parte, aos pedidos de muitos participantes, a buscarem novos desafios, após terem feito, mais de uma vez, programas como o Pico do Jaraguá e o Núcleo Pedra Grande. Em alguns casos, programas chegam a ter a duração de cerca de oito horas. Bolsista: Jéssica Barbosa.

Fotografia 5



Fotógrafo(a): participante do programa. 2019. Com uma programação contínua, ao longo de todo o ano, o EACH CULTURAL E NATURAL teve sua dose de aperreios (no pleno sentido pernambucano do termo). Algo não tão raro de ocorrer é a forte neblina, comum, durante o inverno, no Pico do Urubu e na Vila de Paranapiacaba. Contudo, nada que impeça a participação de espíritos mais aventureiros. Bolsista: Jéssica Barbosa.

Fotografia 6



Fotógrafo(a): participante do programa. 2019. Ao longo dos anos, tem havido, sempre, a seguinte questão: fazer ou não fazer programas com cachoeiras e quedas d'água? Elas aumentam o risco de acidentes, mas são muito pedidas pelos participantes. A foto retrata uma visita ao Núcleo Cabuçu do Parque Estadual da Cantareira, com pausa para banho. O docente responsável (pernambucano) está com uma camisa da seleção paraguaia de futebol; um discente (paulista, se não me engano) resolveu vestir um chapéu de couro, típico do semiárido nordestino. Na foto, há uma discente da EACH-USP, hoje egressa, a qual trabalha como guia de turismo, a fazer programas similares a esse com turistas. Bolsista: Jéssica Barbosa.

4. Considerações (não) finais

Mesmo a apresentar alguns problemas, o EACH CULTURAL E NATURAL continua sendo meu principal projeto de cultura e extensão universitária, sem haver previsão de término. Ele deu origem ao EACH-USP Antena Cultural; no momento, serve de reflexão a novo projeto, este centrado no público trans da EACH-USP.